

## *Victoria*

*José M. da Silva*

Os trabalhos seguiam intensos no laboratório, desde que descobriram uma nova comunidade de elementais no interior de Goiás, seis meses antes. Mais de mil elementais foram encontrados e trazidos para a CEE [Central de Estudos de Elementais]. Foram divididos de acordo com a taxonomia clássica – Ar (sílides), Terra (gnomos), Fogo (salamandras) e Água (ninfas). Após a catalogação e os primeiros exames, os cientistas encarregados receberam seus espécimes já devidamente acomodados em seus recintos de análise.

Victor estava no projeto desde seu início, desde que o que antes se entendia como magia se tornara oficialmente objeto de escrutínio científico. Com isso, seres anteriormente entendidos como mitológicos ou esotéricos eram agora visíveis, palpáveis e estudáveis. Victor estava responsável pelas ninfas, seres interessantíssimos e, até o momento, bastante estereotipados. Aprendeu que as ninfas pertencem a diversos grupos, cada um com características específicas; como já se sabia, estão majoritariamente distribuídas pelos rios, cachoeiras, lagos, praias e até pântanos ou cavernas. Curiosamente, todos os espécimes encontrados pareciam mulheres, como sempre foram representadas as ninfas. Para sua surpresa, tinham tamanhos diferentes; ainda não encontrara uma ninfa da estatura de um humano, mas certamente haveria. Sua pesquisa neste exato momento direcionava-se exatamente a isso: como se reproduziam

as ninfas? Eram todas do gênero feminino? Podia-se falar em “sexo” neste caso?

De certa forma, ele ainda achava estranho ver de perto e, acima de tudo, tocar nesses seres que, desde sua tenra infância, permeavam lendas, contos de fadas e o imaginário de crianças e adultos. Além disso, dez anos ainda era muito pouco para que se acostumasse com essa verdadeira reviravolta na área científica. Estranhava também a falta de conhecimento de todos – pesquisadores incluídos – em identificar os elementais; curiosamente, as pessoas outrora envolvidas com o esoterismo tinham mais facilidade para discernir entre as diferentes tipologias elementais. Em geral, eram todos classificados erroneamente como “fadas”.

Na qualidade de biólogo, sentia-se ligeiramente desconfortável em estudar aqueles seres que apresentavam constituição estrutural radicalmente diferente de humanos e animais. Ainda não se sabia exatamente como se comunicavam, como e o que sentiam, até porque não “falavam” da maneira com a qual estamos acostumados. Emitiam sons, ruídos, gemidos e gritos, que se assemelhavam ao que conhecemos – dor, angústia, preocupação, tranquilidade e até alegria.

Victor se ressentia, como sempre, com o que classificava como crueldade em relação ao tratamento dispensado aos elementais. No fundo, os elementais estudados eram tratados como o eram os animais submetidos à pesquisa em geral: cortados, retalhados, desmembrados, submetidos a testes, aos quais não sobreviviam, com os corpos injetados com substâncias nocivas, agressivas ou, no mínimo, discutíveis. Se com animais ele já se posicionava radicalmente contra determinadas posturas, com seres, ainda totalmente desconhecidos em todos os aspectos, sentia-se mais afetado.

“Que absurdo ter que fazer isso com você”, pensou Victor, enquanto preparava um corte no abdome do espécime

sobre a mesa. Esta ninfa tinha aproximadamente quarenta centímetros de altura, pesava oito quilos, corpo esguio e cabelos loiros. “Perdão”, desculpou-se Victor mentalmente, ao apanhar o bisturi.

“Não poder desculpar; você maltratar eu”, foi o que ouviu dentro de sua cabeça. Era uma voz feminina, embora um tanto andrógina. Certamente, estava ouvindo coisas.

“Devo estar cansado demais; só faltava essa ninfa ter falado comigo”, duvidou ele em pensamento.

“Não. Eu falar. Eu entender você. Você pensar, eu entender tudo”, continuou a voz.

Então decidiu confirmar que não estava tendo alucinações auditivas:

“Então você consegue me entender? É a ninfa que está falando, digo, pensando agora?”.

E a resposta dela foi imediata:

“Sim. Ser eu. Ninfas entender toda língua. Não expressar correto”.

Por um instante, Victor experimentou um turbilhão de pensamentos e emoções. Se aquilo fosse verdade, acabava de presenciar talvez a maior descoberta relacionada aos elementais. Palestras, revistas, entrevistas – repreendeu seu ego antes que ele prosseguisse. Então eles podiam “falar”, ou melhor, comunicar-se pelo que seria aquilo, telepatia? Deixou o bisturi sobre a mesa, sentou-se e, já que começara, prosseguiu com a conversa mental.

“Mas vocês não emitem sons de palavras; a comunicação é sempre assim, mental?”, perguntou ele.

“Sim, não falar como vocês, com som; entender e poder comunicar assim”, respondeu ela.

Ele insistiu em sua curiosidade:

“Então, todos que estão aqui também podem se comunicar assim?”.

E ela respondeu:

“Sim, poder. Não todos poder ouvir como você; você ser diferente. Você ser especial”.

Estava atônito. Não cabia em si de felicidade pela descoberta, mas ao mesmo tempo não acreditava no que estava acontecendo. Naquele momento, uma pesquisadora entrou no laboratório e, ao vê-lo sentado e olhando para o espécime fixamente, achou que havia algo estranho.

— Algum problema, Victor?

Apanhado de surpresa em meio a seus devaneios, tomou um susto com a pergunta, mas logo voltou a si.

— Não, tudo bem. Estava pensando em algumas coisas — improvisou ele.

— Ah, bom. Precisa de ajuda? — insistiu ela.

— Não, obrigado. Já sei o que fazer. Pode deixar.

A mulher apanhou algumas coisas em um armário e saiu do recinto.

A primeira coisa que lhe veio à mente foi o que fariam se soubessem do que acabava de descobrir? Provavelmente, mais torturas para as pobres criaturas. Precisava pensar sobre o que fazer a seguir.

“Ela boa. Ela gostar de você”, “disse” a ninfa.

“Como?”, perguntou ele.

“Sim, ela gostar de você. Ninfas perceber tudo de humanos. Ninfas ter sentimentos não igual humanos. Ninfas perceber tudo dentro humanos”, explicou ela. Aquilo tudo transcendia sua compreensão e mudava totalmente o rumo de suas pesquisas. Não podia continuar maltratando a ninfa, mas era seu trabalho. O que faria?

Como pesquisador da CEE, podia requisitar a guarda do espécime para si, alegando a necessidade de estudá-lo mais a fundo. Isso possibilitaria que confinasse a ninfa em um recinto especial, ao qual somente ele poderia ter acesso durante algum tempo. Pareceu-lhe o melhor a fazer na ocasião. Foi para o computador, preencheu os formulários

necessários, encontrou uma sala de análise livre, colocou a ninfa sobre uma maca especial e a levou com ele. Assim poderia pensar melhor no que fazer, com mais calma, sem pressão, e poderia “conversar” mais com ela.

Durante quinze dias, Victor quase não voltou a sua casa. Ficou a maior parte do tempo conversando com a ninfa, a quem decidiu chamar de Victoria, nome baseado no seu, o que demonstrava sua total falta de criatividade nesse terreno. Descobriu coisas extremamente intrigantes e elucidativas. Todos os espécimes de todos os laboratórios se comunicavam, estivessem onde estivessem; isso era significativo porque, com a oficialização mundial das pesquisas, havia espécimes espalhados por todo o globo terrestre. Aprendeu que o que ficara conhecido como pólen feérico, o antigo “pozinho das fadas”, era, na verdade, uma espécie de feromônio com características especiais, que nem sempre tinha função de atração sexual; poderia, se corretamente manipulado, causar a morte, inclusive de humanos. Entendeu, num *insight*, o elevado interesse dos governos nos elementais. Talvez a razão não fosse puramente comercial, como supusera de início, mas militar.

Victoria explicou que a reprodução dos elementais era totalmente diferente dos humanos e animais terrestres. Além disso, não existia propriamente uma sexualidade, uma identidade de gênero; eram seres diferentes, com comportamentos diferentes. Victor precisaria de muito mais tempo para compreender como se dava a reprodução entre tais seres. Isso podia esperar.

Ele foi informado de que havia uma insatisfação — obviamente compreensível — entre os elementais, que a situação estava atingindo um ponto crucial, sem volta. Não aguentavam mais os maus tratos, a violência, serem objeto de estudo por seres supostamente superiores que, no fundo, demonstravam estar muito abaixo na escala dos seres do universo. Os humanos, para os elementais, eram inferiores, grosseiros, agressivos, selvagens, cruéis,

egoístas e interesseiros. Existiam em função de dinheiro e poder. E ego. Nada mais. Victor concordava em tudo. Como ativista de longa data pelos direitos dos animais, as palavras de Victoria o deixavam fora de si. De fato, sentia-se ainda pior por ser parte de toda aquela violência e matança. Sim, muitos elementais haviam perecido durante as “pesquisas científicas”, como sempre ocorria. Justificava-se a si mesmo, por ser um cientista, mas aquilo, no fundo, não o convencia.

Os humanos, lamentava-se Victor, experimentavam indiscriminadamente com animais, muitas vezes por motivos torpes, como elaboração de cosméticos. Um absurdo, em sua visão. Alguns, no passado, aventuraram-se a experimentar com humanos e foram impedidos. No entanto, qual seria a verdadeira essência da humanidade: com a devida permissão, continuariam experimentando mengelianamente com homens, mulheres e crianças? Em seu íntimo, Victor sabia que sim, a julgar pelo que faziam com os animais e, recentemente, com os elementais.

Sua descoberta mais importante, entretanto, veio mais à frente. Victoria o informou que havia uma insurreição programada entre os elementais prisioneiros em todo o mundo. Estava tudo planejado. Soube também, para sua surpresa, que havia outros como ele. A rigor, Victoria não sabia a razão, mas alguns humanos conseguiam interagir com os elementais. Em todo o mundo, deveria haver perto de um total de cem indivíduos que, como Victor, estavam em comunicação com os elementais nos laboratórios de pesquisa. Os gnomos, mais fortes fisicamente, e as salamandras, manipuladoras do fogo, tinham um plano completo elaborado. Em dois dias, haveria uma rebelião. Como era possível se comunicar sem o empecilho da distância, estava tudo organizado. Todos os laboratórios seriam destruídos; todos os humanos que participavam dos experimentos seriam exterminados. Sentiriam na pele o que estavam fazendo com os elementais. Era irreversível.

Por um lado, Victor ficara secretamente satisfeito com o que ouvira. Fazia tempo que ele mesmo advogava algo semelhante para quem abusava dos animais. Por outro lado, saber que colegas seus seriam mortos e que instalações de pesquisa, bem como dados relevantes já coletados, seriam destruídas o deixava em dúvida.

Lendo seus pensamentos, Victoria disse: *Eu entender. É sua espécie. Você dever pensar elementais. Elementais sofrer estudos. Não ser justo. Humanos dever aprender comunicação antes; dever pensar fazer depois.*

Não havia como discordar. Victoria, então, informou algo que ele não previra. Os elementais haviam decidido que poupariam os humanos que os ajudassem. Não só não pereceriam, mas também seriam iniciados nos mistérios dos elementais. Contanto que se comprometessem a não realizar experimentações neles. Poderiam relatar o que desejassem em publicações de qualquer tipo, mas jamais cortar, retalhar, desmembrar, submetê-los a testes, aos quais não sobreviveriam, injetar substâncias nocivas, agressivas ou, no mínimo, discutíveis.

Victor não precisou pensar muito para decidir. Era um homem de ciência, mas, acima de tudo, um pacifista, um defensor dos direitos de qualquer ser senciente. Além disso, algo mais profundo pesou em sua decisão final: por algum motivo especial, afeiçoara-se a Victoria. Inexplicavelmente, ele a via como uma “pessoa”; e mais, como mulher. Envergonhava-se interiormente de tais pensamentos, mas eram verdadeiros. Excitava-se ao conversar com ela em alguns momentos. Além do mais, saber que ela detinha conhecimentos sobre a vida e sobre o planeta, sobre coisas a que a ciência jamais teria acesso, ao menos a longo prazo, ou seja, durante sua existência humana e além, tudo era motivo mais do que razoável para aceitar a proposta.

Como se lesse seus pensamentos, ouviu Victoria dizer em sua mente: *“Não ser impossível relação ninfa e humano. Já existir. Ser complicada. Victoria gostar Victor”*.

Estava selado o pacto. E estava confirmado, pelo menos aparentemente, pensou Victor, esperançosamente, que o amor (só o amor? O sexo também?) era um sentimento universal entre os seres.

Victoria disse a Victor o que fazer nos próximos dias. Que não se preocupasse. Ela estaria segura. Além disso, os devas estavam a caminho. E ninguém resistiria aos devas. Tão logo que tudo terminasse, ela entraria em contato. Como, ele não sabia, mas, por alguma obscura razão, confiava nela.

Victor voltou para casa em dúvida naquela noite. Seria tudo aquilo uma alucinação? Estaria fazendo a coisa certa? Sabia dentro de si que sim. Só restava aguardar. Um humano e uma ninfa. Victor e Victoria. Dois vitoriosos. Por que não? Só havia um jeito de saber o resultado. Estava esperançoso. E excitado. E confiante. Alucinação ou não, estava amando. Era uma coisa boa. Justa. Correta.